

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM MICHEL FOUCAULT

THE CONSTRUCTION OF THE *SUBJECT* IN MICHEL FOUCAULT

Giuslane Francisca da Silva¹
Sérgio da Silva Machado Júnior²

Resumo: Os discursos para Michel Foucault são vistos como “um conjunto de enunciados materialmente existentes”, isto é, discursos que se materializam nas práticas sociais dos sujeitos. Tendo em vista ser o discurso um acontecimento histórico, esboçamos como se dá sua construção dentro desse contexto, sobretudo atrelado às relações de poder que permeiam a sociedade. Para tanto, este trabalho busca apresentar como se dá o processo de construção do sujeito em Michel Foucault a partir dos discursos, enfatizando como estes, produzidos a partir de uma gama de interesses interferem/possibilitam a constituição dos sujeitos, problematizando ainda, como tais discursos refletem nas práticas sociais desses sujeitos.

Palavras-chave: discurso; poder; sujeito

Abstract: The discourses for Michel Foucault are seen as “a set of statements existing materially”, namely, discourses that materialize in the social practices of the subjects. Given that the discourse is a historical event, we outline how its construction occurs within this context mainly linked to the relations of power that permeate society. Therefore, this study aims to present how is the construction process of the subject in Michel Foucault from the discourses, laying emphasis on how it is produced from a range of interests that interfere/enable the constitution of the subjects and questioning how the discourses reflect in the social practices of these subjects.

Keywords: discourses. power. subject.

Introdução

O sujeito em Michel Foucault aparece como fruto de uma série de discursos permeados por relações de poder. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é analisar como se dá a construção/constituição do sujeito através dos discursos construídos historicamente. Para tanto, dividimos este trabalho em dois momentos. Inicialmente expomos o que Foucault entende por discurso, analisando como se dá sua construção em meio às relações de poder, as

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: giuslanesilva@hotmail.com

² Mestrando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Endereço eletrônico: ssmj72@yahoo.com.br.

quais permeiam esse processo. Posteriormente, problematizamos o que é o sujeito na percepção de Foucault, analisando como este é construído no/pelo discurso.

1. A concepção foucaultiana de *discurso*

Assumindo-se um leitor de Nietzsche, Foucault tomar-lhe-á emprestados os princípios da arqueologia, da genealogia e das tecnologias do *eu*, passando a desenvolvê-los em suas próprias pesquisas (VEIGA NETO, 2004).

De acordo com Fernandes (2012), os trabalhos de Foucault apresentam como os objetos do *discurso* encontram na história seu lugar, enfatizando que os mesmos não permanecem imóveis, mas estão em um exercício de constantes formações e transformações, sendo perpassados por descontinuidades em meio ao conteúdo histórico que os sustenta.

As obras de Foucault, nas palavras de Rabinow e Dreyfus (*apud* SILVEIRA, 2005, p. 13), “abordaram temáticas relacionadas à formação dos saberes, dos discursos de verdade, das relações e poder, da construção da subjetividade e do governo de si”. Foucault tomou o *discurso* como objeto com o intuito de refletir sobre a constituição do *sujeito* e no complexo conjunto de elementos descontínuos na história “buscando a problematização de fatos, práticas e pensamentos que colocam e levantam problemas para as diferentes epistemologias” (SILVEIRA, 2005, p.13). Os trabalhos de Foucault mostram como os objetos construídos a partir dos *discursos* estão em um processo de constante formação e transformação, marcados pela descontinuidade.

Tendo em vista os discursos terem sido tomados por Foucault como objetos de análise, antes de iniciarmos algumas discussões a respeito destes, se faz necessário entender o que este pensador compreende como discurso. Para ele, discurso como “reverberação” de uma verdade que nasce diante dos olhos do próprio sujeito é visto como enunciados materialmente existentes, podendo ser escrito ou pronunciado, “são proposições que adquirem caráter de verdadeiras passando a constituir princípios aceitáveis de comportamento” (FOUCAULT *apud* FERNANDES, 2013, p.19). O discurso pode ser visto ainda como um conjunto

de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT *apud* AZEVEDO, 2013, p. 156).

Nessa perspectiva, as práticas discursivas caracterizam-se de algum modo como elo entre discurso (enunciações) e prática (práticas sociais dos sujeitos), isto é, os discursos se materializam nas práticas sociais dos sujeitos.

Ao mesmo tempo, Foucault (2013) afirma que os discursos devem ser percebidos como práticas descontínuas, que por ora se cruzam e por outras se ignoram ou se excluem. Nesse sentido, não se pode perceber os discursos enquanto algo estático, dado, mas sua produção depende dos interesses de quem os produz, do contexto social no qual está inserido, levando em consideração ainda, o momento histórico e as “verdades” que se propunha construir nesse período. Foucault atesta ainda, que as imagens podem atuar tanto na materialização de discursos, assim como mecanismos de produção e funcionamento dos mesmos.

Um ponto importante a se considerar, é que a noção de discurso para esse autor já é em si um acontecimento histórico. Todo discurso tem seu polo de produção, pois, assim como nos afirma Foucault (2013), a produção discursiva não é feita de maneira aleatória, mas obedece aos interesses das instâncias (órgãos, instituições etc.) e das relações de poder que a produz. Por ser um acontecimento, o discurso não é imaterial, pois se materializa nas práticas sociais dos sujeitos e nestes produz efeitos.

As noções que Foucault propõe para pensar os discursos não são o princípio de continuidade, nem a consciência do signo ou da estrutura. Mas sim, o da consciência do acontecimento (entendido como cortes que fendem o instante e dispersam o sujeito em um conjunto de posições de possíveis funções) da série, assim como o jogo de noções que se ligam a estes, como a

regularidade, a causalidade, descontinuidade, dependência, transformação; é por um tal conjunto que esta análise dos discursos sobre a qual estou pensando se articula, não certamente com a temática tradicional que os filósofos de ontem tomam ainda como a história “viva”, mas com o trabalho efetivo dos historiadores (FOUCAULT, 2013, p. 53-54).

Como mencionado acima, Foucault adverte que os discursos devem ser percebidos como séries distintas de acontecimentos. Este deslocamento permite incorporar no cerne do pensamento de análise do discurso, o acaso, o descontínuo e a materialidade.

Desses três princípios de análise do discurso propostos por Foucault, possivelmente o mais complexo, seja o terceiro, que se refere à percepção de como os discursos se

materializam através das práticas sociais dos sujeitos. A análise foucaultiana dos discursos diz respeito à articulação daquilo que pensamos, dizemos e fazemos, o que nos permite compreender a definição que o pensador faz dos discursos como acontecimentos históricos.

Refletindo sobre o discurso em Michel Foucault, Fischer (2001) aponta que a análise do discurso dispensa significações ou um conjunto de signos que se referem a conteúdos determinados, é preciso, segundo a autora, percebê-los na complexidade em que este está envolto. Ela assevera ainda que a

primeira tarefa para se chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que [...] nos faz olhar os discursos, apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto [...] distorcido, intencionalmente [...] (FISCHER, 2001, p.198).

Isso significa dizer, de acordo com a autora, que a análise dos discursos deve ser capaz de enviesar as relações históricas, as práticas muito concretas que estão “vivas” nesses discursos e que se encontram nas “entrelinhas” dos enunciados e nas práticas dos sujeitos, cabendo ao analista se atentar não apenas no discurso em si, mas problematizando também aqueles que atuaram em sua construção, pois tais sujeitos que possuem a “ordem” de tal discurso, não falam/agem desprendidamente, mas estão ligados de certa maneira a um polo de produção discursiva.

Em *A Ordem do Discurso* (2013), Foucault apresenta uma série de mecanismos que tendem a controlar a produção dos discursos na(s) sociedade(s), na medida em que nestas

a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2013, p.9).

Com essa afirmação, Foucault mostra que os discursos passam por uma produção que é controlada por aqueles “habilitados” para fazê-la, podem ainda ser percebidos como práticas discursivas definidas pelo status do sujeito que fala, desde os lugares a partir dos quais este fala, considerando as posições sociais que assume quando fala.

Assim como nos elucida Fernandes (2012), o discurso em Foucault é percebido como um conjunto de enunciados que integram as malhas do poder, perpassando em todas as relações entre sujeitos, o discurso aparece envolto de saber e poder. O filósofo assevera ainda

que as interdições que cercam a produção dos discursos denotam sua ligação com o poder e com o desejo.

Nessa perspectiva, o discurso se traduz numa existência destinada a se apagar em um determinado momento, que não cabe a nós decidirmos, refere-se a um fazer-se cotidianamente, embrenhado de poderes e, ao mesmo tempo, perigos, por vezes inimagináveis, pressupõe “lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras, cujo uso há muito tempo reduziu as asperidades” (FOUCAULT, 2013, p.8).

O pensador interroga ainda como um discurso apareceu em um determinado momento e não outro em seu lugar, pois de acordo com Foucault (1995) os discursos devem ser percebidos em seus processos histórico-sociais de constituição, mostrando-se por meio de um conjunto de acontecimentos discursivos. Ao analista do discurso cabe compreender sua produção como um elemento ligado à história, como nos adverte Fernandes (2012, p. 20), “compreende-se, (a produção do discurso) por meio de um olhar para a história, os aspectos históricos e sociais que envolvem a produção do discurso”. O mesmo autor ainda assinala que

trata-se de compreender a singularidade da existência do enunciado, suas condições de produção [...] busca-se verificar, a partir do enunciado produzido em determinada época e lugar, as condições de possibilidade do discurso que esses enunciados integram. Isso equivale dizer que as transformações históricas possibilitam a compreensão da produção do discurso, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão (ROBIN apud FERNANDES, 2012, p. 20).

Nessa perspectiva, podemos perceber que Foucault busca esclarecer e/ou alertar para as especificidades envoltas no processo da construção de um discurso em um determinado momento, na medida em que para o pensador a produção discursiva depende de todo um contexto histórico que faz com haja “necessidade” de se produzir um discurso nesse dado momento. No entanto, o autor ressalva que os discursos não devem ser tomados enquanto realidades físicas, apesar de se materializarem nas práticas sociais dos sujeitos, mas devem ser percebidos como um objeto imaginário, portanto “sócio histórico”.

2. Poder e sujeito em Michel Foucault

Como fora mencionado anteriormente, o discurso em Foucault aparece ligado com o poder. Poder, que é definido por ele como um conjunto de forças, advindas de todas as relações que compõem os espaços sociais. Silveira (2005) assinala que para Foucault o poder em si não existe, o que há são relações de poder que perpassam todas as camadas sociais. O

filósofo pressupõe que tais relações são pertinentes a “todos sobre todos”, visto que “o poder não vem de cima para baixo, mas é criado pelas diferentes relações de força, [...] surge de todos os lados: de cima para baixo, de baixo para cima e lateralmente” (SILVEIRA, 2005, p. 57).

Tanto os discursos, como os objetos e os sujeitos, no pensamento de Foucault, constroem-se a partir de relações de poder. Pensando inicialmente no sujeito, encontramos sua formação baseada em discursos que são fruto destas relações (de poder) que emanam de diversas instâncias diferentes e produzem discursos atuantes na construção deste sujeito que terá uma denominação, classificação, papel ou posição dentro desses discursos. Porém, esta via de constituição de poderes e discursos não é de mão única e está repleta de polos de micropoderes e, conseqüentemente, também produtores de discursos.

Alguns discursos simplesmente reproduzem ou complementam instâncias disciplinares detentoras e legitimadoras das “verdades” sobre uma determinada área, outros, criam discursos em oposição (total ou parcial) a estas. Neste ponto, cabe determos um pouco mais sobre o significado de poder no pensamento de Foucault, pois ele concebe a própria criação e ordenação dos objetos pelas relações de força entre os discursos.

Ao analisar os discursos sobre a “loucura”, Foucault (2008) explica como sua unidade dissocia-se da preexistência do objeto “loucura” e vincula-se muito mais a uma ordenação de signos e objetos através de regras convenientes ao polo de poder “psiquiatria” ou “medicina”, ou seja, os objetos não preexistem ao discurso, mas são fundados por ele. Assim, para Foucault,

A unidade dos discursos sobre a loucura não estaria fundada na existência do objeto "loucura", ou na constituição de um único horizonte de objetividade; seria esse o jogo das regras que tornam possível, durante um período dado, o aparecimento dos objetos [...] que são recortados por medidas de discriminação e de repressão [...] que se diferenciam na prática cotidiana, na jurisprudência, na casuística religiosa, no diagnóstico dos médicos, objetos que se manifestam em descrições patológicas, objetos que são limitados por códigos ou receitas de medicação, de tratamento, de cuidados. Além disso, a unidade dos discursos [...] seria o jogo das regras que definem as transformações desses diferentes objetos, sua não-identidade através do tempo, a ruptura que neles se produz, a descontinuidade interna que suspende sua permanência (FOUCAULT, 2008, p. 37).

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (2013) amplia a noção de poder ligado ao desejo que um determinado grupo ou instância possui (e/ou deseja ter) sobre os discursos de uma determinada área. Deter as “verdades” sobre um determinado campo de saber, disciplina ou

ciência, significa ser detentor de poder, isto é, poder de controlar a produção discursiva sobre determinada área de conhecimento.

É fundamental ressaltar que esse poder é multipolar e dinâmico. Multipolar porque provém de todas as partes, e dinâmico porque seu posicionamento, influência e existência dependem da interação com outros discursos provindos de outros lugares. Apesar das instâncias detentoras de discursos como o Estado, a medicina, o direito, a educação, etc., reivindicarem o controle discursivo em seus respectivos domínios, tanto seus enunciados como os discursos serão confrontados com outros, produzidos por outras instâncias não legitimadas “oficialmente”. Nesse sentido, o poder em si não existe, assim como não há um lugar específico para seu surgimento, ou que este emana

de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos [...] o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de constituir uma teoria do poder [...]. Se o objetivo for construir uma teoria do poder, haverá sempre a necessidade de considera-lo como algo que surgiu em um determinado ponto, em um determinado momento, de que se deverá fazer a gênese e depois a dedução. Mas se o poder na realidade é um feixe aberto, mais ou menos coordenado [...] de relações, então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações do poder (FOUCAULT, 1996, p. 141).

Nessa perspectiva de poder, o mesmo não provém do Estado, de instâncias atuantes na produção discursiva, mas está presente cotidianamente nas relações dos sujeitos na sociedade. Ainda sobre as concepções foucaultiana de poder, Silveira (2005, p. 43) explica que “é problemático buscar em Foucault uma teoria geral do poder. Assim, ao invés de teoria, o melhor termo a ser utilizado é analítica do poder”. O uso desse termo se justifica, segundo Silveira (2005, p. 44), pelos deslocamentos de Foucault na discussão do tema nas diversas fases de sua obra. O tema poder é abordado nos livros *Vigiar e punir* (1987), *História da Sexualidade: a vontade de saber* (1988), na coletânea de entrevistas e textos denominada *Microfísica do poder* (1979) e em uma série de conferências que fez na PUC-RJ em 1973, denominada *A verdade e as formas jurídicas*.

Por sua vez, Barros (2004, p. 144) analisa como em Foucault as relações de poder atuam nas construções de sistemas de pensamento que se constituíram em discursos. Ressalta ainda que “a ideia de que esse poder está por toda a parte, inclusive sob a forma de micropoderes”, amplia muito o universo de pesquisa para os historiadores ao demandar todo um universo de fontes. Estas relações de poder devem ser buscadas nos lugares mais

imprevisíveis e exteriores, as formalizações “congeladas pelo aparato estatal” (BARROS, 2004, p. 144). Interações sociais estas que podem ser estudadas em discursos que aparecem em casos amorosos, sexualidade de indivíduos, vivências no seio da família, e etc.

O sujeito em Foucault é umbilicalmente ligado às relações de poder que atuam em sua constituição. Segundo Fernandes (2012), estas relações “são sutis, múltiplas, em diversos níveis”. O poder é inerente às relações humanas e se apresenta em micro instâncias e nos aspectos mais corriqueiros do dia a dia. Estes poderes existem tanto do lado dos dominantes como dos dominados, haja vista que se encontra em todas as relações de indivíduos para indivíduos no meio social.

No texto intitulado “O Sujeito e o poder”, Foucault (1995, p. 231) explica que o objetivo de seus estudos (nos últimos vinte anos) até então não foi o estudo do poder em si mesmo, e sim, criar uma história de como os seres humanos tornaram-se sujeitos e, para isso, parte para a objetivação destes modos.

Uma das formas de constituição dos indivíduos em sujeitos seria através da identificação e oposição (FOUCAULT, 1995, p. 234) aos poderes “maiores” na sociedade, expressos em discursos, que buscam docilizar o indivíduo de forma a torná-lo produtivo ou portador de posturas e condutas desejáveis. Foucault chama estas oposições de lutas autoritárias, transcendentais e transversais aos tradicionais conceitos de lutas de classe, Estado, país, gênero, entre outras.

Essas lutas são contra o “governo da individualidade”, contra o privilégio do saber e aos papéis deformados e mistificados impostos às pessoas. Enfim, tais lutas giram em torno da busca de uma identidade, “de quem somos nós” e recusam os rótulos impostos pelas instâncias de poder que buscam determinar quem somos. Nessa luta, existe a formação de poder que se aplicará à vida comum do indivíduo, na sua identidade a ser reconhecida pelos outros.

Uma das questões que Foucault trata ao longo de suas pesquisas é demonstrar como as práticas sociais podem vir a projetar certos domínios de saber que não apenas fazem emergir novos objetos, conceitos, técnicas, mas também propiciam o nascimento de novas formas de sujeitos. Essa perspectiva de abordagem foucaultiana se contrapõe ao marxismo, que segundo esse pensador, visa demonstrar de que forma as condições econômicas podem encontrar no sujeito o seu reflexo, apresentando um grande erro ao pressupor que o sujeito, assim como as formas de conhecimento, é de certo modo dado prévia e definitivamente,

sendo que tanto as condições econômicas, políticas e sociais da existência são assentados e impressos no sujeito dado.

Para Foucault, o fato de o sujeito ser um efeito das relações dos discursos construídos nas relações de poder, não significa que o mesmo está submetido a um porvir inevitável. A proposta do pensador é apontar que não há um sujeito preestabelecido, do qual emanariam as relações de poder, pelo contrário, os sujeitos são construídos e/ou produzidos a partir dessas relações, pois, para este, a própria noção de sujeito tal como é, resulta de uma produção, visto que “o que chamamos sujeito é um enunciado social”. Dessa forma podemos chamar os indivíduos de loucos, normais, gordos, revolucionários, sujeito deste ou daquele discurso que será reclamado pela medicina, pela psicologia, pelas ciências sociais (PEZ, 2008, p. 02).

Para Fernandes, o sujeito não é homogêneo, na medida em que sua identidade está em um constante processo de produção e sofre transformações, pois o sujeito se encontra em um ambiente marcado pela heterogeneidade e por conflitos sociais, sua identidade

constitui-se pela inscrição dos sujeitos na exterioridade social, é constituída pela relação de um com o outro. Com o discurso, o sujeito tem sua unidade no caminho de uma contradição a outra; encontra-se entre o “eu” e o “outro”, no espaço discursivo. Os sujeitos são marcados por determinações sócio-históricas e são atravessadas por discursos de outrem, com os quais se unem, e dos quais se diferenciam e/ou distanciam (FERNANDES, 2012, p.41).

O enunciado, ao revelar a posição social do sujeito, o localiza no emaranhado de relações de poder. Nesse sentido, o discurso como parte de um jogo de lutas de contradições e antagonismos referentes à vida dos sujeitos no meio social historicamente produzido, a resistência desses sujeitos também constitui uma forma de poder nas lutas, consistindo por esses motivos em uma prática discursiva.

Foucault vê no ato de governar a expressão de poder de homens sobre homens e destaca que não seria possível tal situação, se não existisse um elemento importante: a liberdade. O poder só pode ser exercido sobre sujeitos “livres” que têm diante de si a possibilidade de diversas condutas.

Assim, inserir-se na conduta desejada implica em renúncia, submissão, abrir mão, ser coagido. Desta forma, o pensador coloca no centro da relação de poder a resistência à obediência e intransigência da liberdade e afirma que uma sociedade “sem relações de poder” só pode ser uma abstração. Estas relações de poder são inerentes (e necessárias) a toda existência social. Como resistência às dominações, grupos desenvolvem estratégias de oposição e assim constituem-se sujeitos na história.

Considerações finais

O discurso para Foucault se constitui em enunciados considerados como verdadeiros, construídos historicamente para atender interesses de um determinado período; é nesse sentido que o discurso aparece envolto de saber e poder, na medida em que existem, segundo Foucault, os polos de construção discursiva, que se referem a instituições, tais como, a igreja, a medicina, o poder judiciário, que constroem um discurso tido como “verdadeiro” e mediante o poder que possuem sobre a veracidade daquele discurso, o impõem como regra a ser seguida.

Esses discursos na sociedade não são construídos de maneira aleatória, mas possuem uma série de procedimentos que visam a controlar a produção discursiva, assim como os sujeitos que atuam como produtores dos discursos, para refletirmos sobre essas questões, abordamos os três grupos de procedimentos que Foucault apresenta como mecanismos de controle da produção discursiva.

Discorreremos, ainda, sobre como os discursos em Foucault são perpassados por relações de poder, que atuam nas construções de sistemas de pensamento que se constituíram em discursos, pois, para o pensador, não há um sujeito preestabelecido, do qual emanariam as relações de poder, pelo contrário, os sujeitos são construídos e/ou produzidos pelos discursos que emanam das relações de poder.

Referências

BARROS, José. D' Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FERNANDES, Cleudemar. Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo (SP), v. 114, 2001, p. 197-223. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci_arttext> Acesso: 20 de ago. de 2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____, Michel. *Arqueologia do saber*: tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Murchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. (Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardins Morais). Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

_____, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.229-249.

_____, Michel. Nietzsche a genealogia e a História. In. *Microfísica do poder*. (org) Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

VEIGA- NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEZ, Tiaraju Dal Pozzo. Pequena Análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível. In *Seminário em Ciências Humanas*. 7. ed. Londrina: VII Seminário em Ciências Humanas. Londrina. Eduel, 2008. p. 1-14. Disponível em < http://www.uel.br/eventos/sepeh/sepech08/arqtxt/resumos_anais > Acesso em: 09 de jul. de 2014.

SILVEIRA, Rafael Alcadipani. *Michel Foucault: poder e análise das organizações*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

Recebido em 30 de julho de 2016.

Aceito em 18 de outubro de 2016.